

The Future of Museums: 17th International Literary Festival of Paraty FLIP / CASA EUROPA.
Nina George: Speech 13.7.2019, Church Atrium, 11-13:00. Hegemoniale Geschichtsschreibung und
dissidente Narrative: Vom Wert der Museen und der freien Literatur.

Excelentíssimas Sras. e Srs., caros Transgêneros, quero agradecer à **Feira Internacional de Livros de Frankfurt** e à **Embaixada da Alemanha** pelo convite, tal como ao **Instituto Nacional de Cultura Europeia, EUNIC** e ao **Instituto de Goethe de Rio de Janeiro**, por me permitirem falar, hoje, aqui neste palco.

Ao ser Autora preocupei-me, na minha recente novela com o título “*O Livro dos Sonhos*”, editada e publicada em Brasil, na Editora Record, com a questão da Identidade e da Memória: até que ponto as nossas memórias podem ser verdade? - eu me perguntei. Podemos escolher as nossas memórias? O que faz o humano para ser a pessoa que é? Podemos controlar a nossa memória? Ou é a nossa recordação como um Lobo imprevisível que vai-nos devorar, quando não o conseguirmos domesticar? Porque um perfume nos recorda alguém que nos deixou há muito tempo e, décadas depois, este cheiro em particular pode quebrar-nos o coração?

O que acontece às memórias não faladas, que são um tabu, dentro da família ou na sociedade, que são ignoradas na colectividade, porque ficaram fechadas e proibidas por forças enviadas pela política e puxadas para o lado, escondidas nalgum sítio, discriminadas para serem esquecidas, cobertas por um ambiente de silêncio? O que acontece quando um País inteiro tenta tudo para esquecer o que aconteceu no passado ao invés de dialogar sobre os factos?

Estas perguntas faço eu hoje aqui e, por isso, quero contar três pequenos episódios:

1) **Os segredos da nossa Mãe:**

Até à sua morte, a nossa Mãe odiou o barulho de fogo de artifício na noite do Ano Novo. Ela odiou a Sirene de Sábado ao meio-dia. Ela desconfiou da Polícia. De qualquer pessoa vestida com um uniforme. Ela desconfiou dos Médicos. Ela não tinha amigas, e quando esteve encurralada por pessoas estranhas, ela mentiu, com gosto. A nossa Mãe era uma Narradora por excelência, ela inventou estórias extraordinárias sobre as raízes familiares, sobre a Vida em si, sobre nós, as Filhas, e sobre a nossa Vida. Sentíamos vergonha quando ouvíamos mais uma estória nascida da fantasia dela e, em cada vez, nós éramos forçadas a decidir: vamos comprometer a nossa Mãe ou vamos ficar caladas? Na maioria das vezes, ficávamos caladas, deixávamos à nossa Mãe o gosto de narrar a estória da nossa Vida, mais uma vez, diferente. Esta fantasia sobre a vida própria e a nossa, devia ter alguma razão. Mas qual?

Nós ficávamos admiradoras com as estórias da nossa Mãe. Curiosamente, ela lembrava-se sempre a quem tinha contado o quê, e nunca ficou confundida ou confusa.

The Future of Museums: 17th International Literary Festival of Paraty FLIP / CASA EUROPA.
Nina George: Speech 13.7.2019, Church Atrium, 11-13:00. Hegemoniale Geschichtsschreibung und
dissidente Narrative: Vom Wert der Museen und der freien Literatur.

Muita gente admirava a nossa Mãe, mas ninguém sabia quem ela era.

Para mim ela começou a mentir um dia, quando eu perguntei ao nosso Avô, porque ele não se levantava da cadeira da roda, ele respondeu: - Porque eu gosto de conduzir também! - E onde ficou a sua segunda perna?- perguntei à nossa Mãe. A nossa Mãe trocou olhares com o nosso Pai e com o nosso Avô. -O Avô deu a sua perna a alguém que precisava de uma perna mais do que ele, e desde então ele não anda, mas conduz a cadeira da roda - dizia a Mãe. Eu fiquei triste, porque não me permitiam conduzir. . .

Para mim e para a minha irmã Catrin, as memórias da nossa Mãe comparam -se com uma viagem ao longínquo. Só de madrugada, já com algumas pingas de vinho, com muitos cigarros fumados e falando já há muitas horas, a nossa Mãe se abria e contava-nos os seus segredos.

E todos eles começam com Amor.

Em Mulhouse, nasceu a nossa Avó Marianne, uma filha de carpinteiros artísticos da Alsacia, descendentes de Huguenotes. O nosso Avô Helmut, era um estagiário de talho e visitou a França para aprender como os franceses cortavam a carne.

Marianne e Helmut encontraram-se, enamoram-se, e passaram algumas noites românticas debaixo das estrelas.

Três anos depois, Helmut parou no caminho de regresso a casa, outra vez em Mulhouse, e uma petite fille abriu a porta. “Este é o teu Papá”, disse Marianne.

Helmut levou Marianne e a sua filha para a Alemanha, na parte da Alemanha a que, mais tarde, se chamaria “o Leste”.

Dez meninos o casal criou, e a nossa Mãe era a mais novinha de todos, nasceu em Maio 1939, quando a Alemanha cheirava a lilás. Cresceu já com o medo.

Três meses depois o céu se tornou negro, depois vermelho, depois caíram as bombas. O nosso Avô Helmut começou a ajudar os vizinhos judeus a fugir. Ele emprestou dinheiro, escondeu-os, transportou muitos para a Suíça.

Um dia foi denunciado à Polícia Gestapo, pela sua própria Esposa, que reclamou com os vizinhos, que o marido passava mais tempo e dava mais atenção aos Rosenbergs e Goldmanns, do que à própria família. A nossa Mãe ouviu o que a nossa Avó dizia, e também assistiu ao que aconteceu depois.

The Future of Museums: 17th International Literary Festival of Paraty FLIP / CASA EUROPA.
Nina George: Speech 13.7.2019, Church Atrium, 11-13:00. Hegemoniale Geschichtsschreibung und
dissidente Narrative: Vom Wert der Museen und der freien Literatur.

Guerra, Sirenes, Passos de botas. Batidas na porta. Agentes da Gestapo a apanharem o nosso
Avô e a deportarem-no para o Campo da Concentração de Buchenwald.

Muito mais tarde, o Pai da nossa Mãe voltou. Com uma perna só, casou-se uma segunda vez, e
mandou as crianças todas manter silêncio sobre o que tinha acontecido.

Uniformes, Sirenes, Segredos. Memórias proibidas.

A Alemanha ficou dividida em duas partes após o fim da guerra. O nosso Avô mandou metade
da família dentro um carro, com chapa dupla e vidro especial, passar a fronteira entre o sector
federal de Alemanha e o da União Soviética, da Alemanha partida depois da 1963. Metade da
família fugiu, a outra metade da família ficou no lado de leste, controlado pela União Soviética
até 1989.

Na fronteira alemã-alemã, os agentes da polícia abriram fogo ao carro com a nossa mãe e irmãs
lá dentro, os agentes a darem tiros, até não tiverem mais balas nas espingardas.

O fogo de artifício faz barulho como tiros.

Memórias, Silêncio, Segredos.

O Muro entre Alemanha e Alemanha encerrou a própria história da nossa família nos seus
tijolos.

Dez anos da sua vida ficou a nossa Mãe no campo de refugiados, que se chamava
“Nissenhütten” - que significa uma expressão discriminante tal como “Cabanas para Ninhos de
Piolhos”.

Dez anos mais tarde, a nossa Mãe encontrou o nosso Pai, também um refugiado, nascido em
1938, olhos azuis, músculos como aço, palavras e canções russo-polacas-alemãs no sangue, e o
sonho, no seu coração, de ser um homem livre, que cruzava o oceano Atlântico num barco
contentor para chegar ao Rio de Janeiro, no Brasil.

Ele chegou a Dortmund, no centro da Alemanha. Mãe e Pai casaram-se e tiveram duas filhas: a
Catrin e eu, a Nina. Duas Autoras, e ninguém sabe se isso, para a família é uma benção ou uma
catástrofe!

Nós fomos criadas e educadas para respeitar a humanidade e os outros seres humanos. Uma
educação que pesa. Muitas vezes nós perguntamo-nos: qual era o motor da nossa Mãe, para

The Future of Museums: 17th International Literary Festival of Paraty FLIP / CASA EUROPA.
Nina George: Speech 13.7.2019, Church Atrium, 11-13:00. Hegemoniale Geschichtsschreibung und
dissidente Narrative: Vom Wert der Museen und der freien Literatur.

activar-se tanto para o pluralismo, para ficar disponível para todo o mundo e lutar, sem
exceção, contra qualquer tendência nacionalista.

Os nossos Pais só nos deixaram partilhar as memórias deles, depois de nós já termos as nossas
próprias memórias. Só a partir daí, eles nos deixaram participar nas suas memórias, que fizeram
deles, quem eram.

A marca que forjou a memória cultural depois do fim da guerra e da geração alemã seguinte,
causou vergonha em relação a tudo o que aconteceu durante o Deutsche Reich, e também
deixou uma marca profunda na nossa família.

Nós ajudámos Judeus, nós denunciámo-nos a nós mesmos, nós tivemos soldados de Dritte
Reich na nossa família, nós somos de Huguenotes, de Judeus, nós somos refugiados e ao mesmo
tempo, auxiliares de outros refugiados. Nós somos ofensores, nós somos vítimas! Tudo no
mesmo tempo, tudo envolvido na nossa crónica familiar.

Mas, a memória particular deixa-me escolher como eu a quero me recordar. Com orgulho? Com
vergonha? Com distância? Ou com proximidade?

Talvez isso tudo dependa da perspectiva individual?

Na Bretanha, na França, eu encontrei um Homem que me deu a sua mão com as palavras,
“Você é a primeira pessoa Alemã a quem eu dou a minha mão, desde a Segunda Guerra
Mundial.” Eu respondi, “Perdoa-me.”

Outro homem bretão diz que ama os Alemães. “Porque salvaram a Bretanha durante a Invasão
dos Francos, em 1456”, diz ele.

Então, temos uma escolha sobre o que nós recordamos!

Só entendi tudo isso agora, dois anos depois de falecimento da nossa Mãe, quando escrevi esta
Palestra, para este palco, no contexto da “Cultura da Memória”.

Mentiras podem salvar Vidas.

A nossa Mãe guardou muitas mentiras e muitos segredos e devia sentir uma solidão total com a
sua própria memória não partilhada.

Um ditado judaico diz: quem quer esquecer, só prolonga o seu exílio, o segredo do alívio,
chama-se recordação.

The Future of Museums: 17th International Literary Festival of Paraty FLIP / CASA EUROPA.
Nina George: Speech 13.7.2019, Church Atrium, 11-13:00. Hegemoniale Geschichtsschreibung und
dissidente Narrative: Vom Wert der Museen und der freien Literatur.

Só quem se vira e confronta também a parte escura da recordação, os períodos menos felizes, talvez vergonhosos e dolorosos, vai criar a sua identidade verdadeira e levantar-se-á para defender os valores humanos.

2) A “máquina parou”

O Autor Edward Morgan Foster, conhecido pela a sua Novela “Howard’s end”, conta o episódio “A Máquina parou”. Neste episódio, o homem vive debaixo da terra após uma catástrofe climática, dentro de apartamentos com ar-condicionado, construídos para uma pessoa de cada vez, que comunicam através de canais electrónicos, tal como monitores, câmaras e teclas. Eles partilham conhecimentos lidos na Net, ouvem música, da Net, ou esperam que o banho esteja pronto, ou o transporte que entrega automaticamente os alimentos e a medicina, tudo organizado pela Net.

A “Máquina” Net fica acima de todos os homens, a “Máquina” decide o que eles lêem, pensam, ouvem, comem, e ... recordam.

A “Máquina” sempre tem razão e substitui quase o status de Deus.

Um dia, a “Máquina parou”, e os homens entram em estado de choque, e em pânico, não sabem o que podem fazer, não sabem o que decidir, fogem do subterrâneo para a terra – e morrem.

O detalhe mais curioso deste episódio não é a ausência de um Happy End – é o ano da edição: 1909.

Então, exactamente, 110 anos passados sobre o Autor ter escrito este episódio (110 anos *antes!*), nós andamos em metros autónomos, perguntamos a Alexa sobre o tempo para amanhã, legitimamos transferências interbancárias com o dedo polegar e ficamos mais ocupado a fotografar a nossa comida, do que a comer.

Vivemos uma época humana, onde as máquinas digitais e a Net, com mais de 30 biliões de páginas, informam-nos permanentemente sobre o que pensamos, comemos, vestimos, aonde viajamos, como falamos, e o que tem valor da nossa história humana para se recordar - e o que não tem. Existem Tutoriais de Vídeo, como abrir uma garrafa de cerveja, como trocar uma fralda, ou como desbloquear a protecção da cópia ilegal de Livros e Documentos.

The Future of Museums: 17th International Literary Festival of Paraty FLIP / CASA EUROPA.
Nina George: Speech 13.7.2019, Church Atrium, 11-13:00. Hegemoniale Geschichtsschreibung und
dissidente Narrative: Vom Wert der Museen und der freien Literatur.

A consequência deste processo é fatal. O homem está a criar uma selecção humana, deixa de pensar, deixa de decidir, está a fragmentar a nossa memória colectiva, está a manipular factos do passado, do presente, e do futuro. Está a destruir a nossa memória cultural.

Assim não vão existir memórias colectivas, e esta falta vai causar um perigo gigantesco para a nossa Identidade cultural Humana, em geral, vai mudar o nosso reconhecimento cultural e do património cultural material e imaterial.

Mas ... estes 30 biliões de páginas só contêm á volta de 5 % de nosso conhecimento cultural e patrimonial global.

Então, se a memória global pode ser mudada para um Meio diferente, pode o meio substituir a maneira de preservar recordações sobre o que existiu antigamente, desde sempre? Já existiu a Net antes? Nós já experimentámos a Casa do Museu e outros locais da Comemoração? Ou podem estas instituições começar a contar o nosso Património de uma maneira nova, diferente, recontar o que aconteceu, reflectir para encontrar uma perspectiva mais própria e distanciada para ficar mais perto da verdade?

Não sei. Acho que não. Tradição pode-se tornar folclore, a Mona Lisa pode ser ilustrada em cima de milhões de chávenas de café, e, de um momento para o outro, não interessa mais o que significou e ainda significa.

Então temos que recomeçar e repensar caminhos para respeitar o passado, cuidar das memórias, esclarecer recordações, e preservar toda a nossa herança humana, para nós e para as gerações vindouras.

Qualquer apagamento desta nossa História global é um crime capital contra a Humanidade!

3) Eu sou quem sou, porque sou de quem nós somos

Eu estou pela primeira vez no Brasil. Por um lado, tudo aqui é novo, estranho, diferente, por outro lado, tudo é conhecido, por causa da vossa música, da vossa comida, da vossa literatura, o ritmo da noite, as melodias da tarde, as fachadas dos edificios, a maneira de dizer Bom Dia, Boa Tarde. Tudo isso eu absorvo desde que cheguei aqui, e começo a adaptar-me. O Brasil é como um escultor, que me acorda de novo e diferente. Quando eu falo, vocês modificam-se, nós vamos ser uma memória, vamos recordar-nos deste dia de hoje, deste momento, vamos lembrar-nos das minhas palavras.

The Future of Museums: 17th International Literary Festival of Paraty FLIP / CASA EUROPA.
Nina George: Speech 13.7.2019, Church Atrium, 11-13:00. Hegemoniale Geschichtsschreibung und
dissidente Narrative: Vom Wert der Museen und der freien Literatur.

Tal como na filosofia africana *ubuntu* - *Eu sou quem sou, porque sou de quem nós somos* - ou:
Eu sou, porque nós somos.

Ubuntu é do idioma Zulu e significa Humanismo. É a experiência e a consciência que todos nós
somos parte de tudo. Eu e vós, estamos ligados. A presença é “ubuntu”, é parte de tudo, o
presente faz parte do passado, faz parte de amanhã, do futuro. Cada indivíduo é uma parte da
história da Humanidade e, ao mesmo momento, do seu futuro.

O sociólogo e Autor Johann Broodryk, de Pretória, na África do Sul, define *Ubuntu* na maneira
europeia - de pensar: *Eu penso, então eu sou*. Enquanto o *Ubuntu* diz: *Eu sinto enquanto fico
em relação, então eu sou*.

Cultura colorida pode ser a base de pensamento global – *Ubuntu* manifesta-se onde o “Eu”
recua e o “Nós” aparece.

1994 finalmente acabou com a Política das raças, na África de Sul, e o mundo tinha medo de
uma guerra de vingança. Ninguém podia realmente entender porque o povo negro, depois de
tantos anos de discriminação, de tortura e de existência em pobreza, sem direitos humanos, não
se levantou e lutou. Ao contrário. Deram um passo em frente, confrontaram-se com os ofensores
do ex-regime e com as vítimas do ex-regime, para aliviar memórias e dores, para ouvir as
histórias, para trocar as perspectivas, e para encontrar um consenso de Perdão. Só assim é
possível realizar um Caminho juntos, enquanto todas as pessoas envolvidas, respeitam o ponto
de vista dos outros, e permitem um espaço para dores, memórias, sofrimentos, brutalidade e
esperanças de cada um.

Eu sou quem sou, porque sou de quem nós somos.

Eu sou quem eu sou, porque sou filha dos meus pais, por causa da minha sociedade, da minha
cultura. É uma continuação de acontecimentos e das minhas memórias ligadas a eles. Então, a
minha vida ao ser Autora nunca termina, nem no fim de um livro, nem no final de uma palestra.
Há sempre algo de valor, pelo qual vale a pena lutar. Condições de viver e de trabalhar, direitos
de Autor, cuidar da Cultura e do Património, isso tudo para mim, é uma obrigação a fazer,
porque faz parte da nossa democracia. É um serviço de preservação da nossa cultura de
recordação, é a minha obrigação para com a comunidade humana.

Eu vejo na Literatura e na Cultura, nos Atores, em todos os Autores, Artistas, Músicos, quem
constrói sempre uma oposição contra tendências destrutivas na Política, que luta contra o
monopólio na economia global, e sempre levanta a sua voz contra qualquer forma de
populismo.

The Future of Museums: 17th International Literary Festival of Paraty FLIP / CASA EUROPA.
Nina George: Speech 13.7.2019, Church Atrium, 11-13:00. Hegemoniale Geschichtsschreibung und
dissidente Narrative: Vom Wert der Museen und der freien Literatur.

Nós transmitimos valores e diversidade, nós construímos formas da Vida, nós desenhámos um
mundo contra o mandado.

Sem artistas - não há cultura. Sem cultura- não há Vida. Sem passado - não há futuro.

Obrigada.

Tradução: Catrin George Ponciano